

# BONECOS EM SI, BONECOS EM MIM, BONECOS EM NÓS

**Palavras-Chave: Bonecos, Registros, Marginalização**

**Autores(as):**

**HELENA RODRIGUES COUTINHO, IA – UNICAMP**

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. MARIA ALICE POSSANI (orientadora), IA - UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:

A história do Teatro de Bonecos é munida de lutas: sociais, em suas dramaturgias, no modo de vida daqueles que o exercem, mas principalmente lutando pela própria existência. Podemos encontrar nas bibliografias utilizadas nesse projeto muitas das dificuldades de escrever sobre os títeres e seus manipuladores tradicionais. Por ser uma cultura cuja transmissão dá-se prioritariamente pela oralidade, essa característica muitas vezes gera lacunas em seus registros. Se, por um lado, há maior liberdade artística, fugindo muitas vezes de regras impostas por governantes ou mass media, por outro cria-se inacessibilidade e falta de conhecimento sobre esse gênero teatral.

As entrevistas feitas pela escritora dessa Iniciação Científica, com manipuladores amadores e profissionais, buscou compreender as características dessa arte e seus modos de transmissão, com registros atuais daqueles que a realizam. Dentre eles estão bonequeiros que confeccionam e manipulam como profissão, como Paul C, ou Polerito; e alunos da graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual de Campinas, cujo interesse foi de ter um objeto animado em cena.

Compreender o que pode ser feito para que essa arte permaneça é importante. Mas mais ainda é importante o entendimento do porquê dessa escassez de conhecimento sobre, ou controle sobre o conhecimento. Como registrar improvisação e cultura oral? E qual a vantagem e desvantagem desses registros?

## METODOLOGIA:

Este trabalho trata do tema sobre Bonecos no Teatro e fez parte de uma Iniciação Científica desenvolvida em 2024 pela autora. Ainda que dispusesse de um tempo breve, pois desde que a bolsa foi aprovada foram apenas seis meses, o tempo do processo foi de apenas um semestre. Apesar do tempo mais curto, as experiências no gênero durante o processo facilitaram meu entendimento sobre a bibliografia utilizada. Livros principalmente sobre mamulengo, já que foi o principal exemplo de teatro de boneco tradicional brasileiro utilizado.



Entrevistas também fizeram parte do processo, trazendo uma visão mais atualizada sobre o teatro titeriteiro, à partir de um bonequeiro ainda em ação, que confecciona e manipula e um grupo de palhaças que a autora desse projeto ajudou a desenvolver cenas com bonecos.

O projeto “As Sombras de Bia”, que apresenta uma peça com a dramaturgia de Tábata Makowski, “Bia Sombria”, contou como experiência no projeto, já que a escritora foi uma das atrizes manipuladoras. Utilizando de um boneco de 1 metro, chamado de Bia, com confecção pelas mãos das atrizes, Ana Luiza Woch, Mariana Lobo, Giovanna Naso e Helena Coutinho, a experiência foi utilizada para a compreensão desse gênero teatral. Além disso

houve entrevistas com duas das atrizes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Nas mãos do manipulador o boneco pode se tornar tudo aquilo que a peça necessita, sem um passado ou um futuro que interfiram no seu ser. O que o manipulador deve dar para esse ser, que antes de si é *inanimado*, é a *anima*, cuja definição é a oposição do corpo: a alma. Com suas características esse objeto animado traz soluções e imagens próprios.

Por ter esse âmbito imaginário, que depende muito de adesão de quem o assiste, muitas vezes foi visto como contrário ao que se acredita como certo. Muitos governantes aparecem, historicamente, opostos à arte dos títeres, dificultando tanto seus registros quanto sua própria existência. Imposições sobre eles também são frequentes, fazendo com que muitos personagens sejam resultado dessas influências.

Um exemplo prático dessa vida que o objeto cria é na experiência em cena com a peça infantil de “Bia Sombria”. As falas das atrizes sobre a Bia incluem todo o mundo que a boneca cria em volta de si. Tanto suas expressões faciais que são criadas pela mistura de seus movimentos da coluna com a imaginação ativa do público. “Mesmo que a Mari as vezes esteja fazendo ela né, quando tira a boneca de cena, eu olho pro texto, penso no texto e a imagem que me vem é da boneca, então essa coisa de ela ter vida. (...) Pra mim ela é vida, assim.”, disse Giovanna Naso na entrevista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A paixão daqueles que fazem parte da construção da história do teatro de bonecos é uma grande característica do gênero dos bonecos, e é importante a ressalva dela como pilar de sobrevivência. Historicamente praticada por homens pobres, muitas vezes analfabetos, como traz o

livro “Mamulengo, um povo em forma de bonecos”, nunca ganhou sua devida valorização, por tanto é difícil “viver” de teatro de bonecos, economicamente. Mas é o que muitos fizera, viveram o teatro de bonecos: “Diz, por exemplo, Luiz da Serra, referindo-se a esse aspecto: ‘eu sou aviciado’. Em Glória do Goitá disse-nos o mamulengueiro Zé da Vina: ‘Tenho brincado... somente prá cumprir com o vício’.”. Viver uma peça de bonecos é essa mistura entre a atividade do público de aceitação daquele imaginário e criação na mente de cada um e o trabalho feito pelo manipulador.

## **BIBLIOGRAFIA**

<https://www.spescoladeteatro.org.br>

FELIPETTI, Brenda. Entrevista concedida a Helena Coutinho exclusivamente para a pesquisa, realizada de maneira online, na data 21/07/2024.

LOBO, Mariana. Entrevista concedida a Helena Coutinho exclusivamente para a pesquisa, realizada de maneira online, na data 18/07/2024.

ZANON, Paul. Entrevista concedida a Helena Coutinho exclusivamente para a pesquisa, realizada de maneira online, na data 10/04/2024.

NASO, Giovanna. Entrevista concedida a Helena Coutinho exclusivamente para a pesquisa, realizada de maneira online, na data 29/07/2024.

FARIA, João Roberto. História do Teatro Brasileiro Volume 2. Editora Perspectiva S.A.2012

AMARAL, Ana Maria. Teatro de Animação. 3ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

AMARAL, Ana Maria. Teatro de Bonecos no Brasil. São Paulo: Editora Com Arte, 1994.

AMARAL, Ana Maria. Teatro de Formas Animadas. São Paulo: Edusp, 1996.

CURCI, Rafael. Dialéctica del titiritero en escena (Una propuesta metodológica para la actuación con títeres). Buenos Aires: Colihue Teatro, 2007.

Carrico, A. (2021). As três graças do Mamulengo (a infância adulta, o jogo e a música). Repertório, 1(35).

BELTRAME, Valmor N.; MORETTI, Gilmar A. Apresentação: reflexões sobre as práticas do teatro de bonecos popular. Móin-Móin, Jaraguá do Sul, n. 3, p. 11-15, 2007.

BORBA FILHO, Hermilo. Fisionomia e espírito do Mamulengo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

BROCHADO, Izabela Costa. Distrito Federal: o Mamulengo que mora nas cidades 1990-2001. 2001. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2001.

BROCHADO, Izabela Costa. Mamulengo puppet theatre in the socio-cultural context of 21th century Brazil. 2005. 498 f. Tese (Doutorado em Teoria Teatral) - Samuel Beckett Centre School of Drama, Trinity College, Dublin, 2005.

SANTOS, Fernando Augusto G. Mamulengo, um povo em forma de boneco. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.